

## A instrução e a república

Nos bons tempos da propaganda republicana quando os caudilhos democráticos se aproximavam do povo várias vezes lhes ouvimos nos comícios a promessa de que a república faria a educação da população, eliminar o analfabetismo, combatendo assim o obscurantismo que só pode servir a uma obra de opressão. Há mais de catorze anos que a república existe e a respeito do amor pela instrução pelos republicanos manifestado estamos no belo estado que ainda ontem revelávamos aos nossos leitores: cinco ações de despejo foram intentadas em Gouveia e duas no Freixo contra escolas oficiais que serão assim desalojadas; muitas outras ações de despejo contra escolas oficiais têm sido intentadas. E' esta a triste situação em que se encontra a instrução pública neste país.

Nen as escolas podem funcionar por falta de locais! A república que ainda há bem pouco tempo, pela boca dum ministro de instrução, prometia a expropriação de vários edifícios para neles instalar as escolas que ainda não tivessem casa própria e estivessem alojadas em casas arrendadas, nem sequer paga as rendas pondo em risco as escolas dum forçada interrupção dos trabalhos escolares.

Sabemos bem que as escolas estão todas pessimamente instaladas, que é horrível o material pedagógico de que se servem. Porém sempre era alguma coisa. Agora nem isso será possível. Professores, crianças, mobiliário tudo terá que ir para o meio da rua pela incúria do Estado que assim tem desamparado a infância, entregando-a ao acaso.

Os republicanos, quanto a instrução, têm a mesma opinião que tinham os monárquicos: quanto menos melhor. E' vêr o ar de satisfação com que o governo proclama que se fez na pasta da instrução uma economia de alguns milhares de contos. E tem-se o desplante de comunicar isto à imprensa, de o dar à publicidade, como se não representasse a maior das vergonhas para o próximo.

As instituições militares são para eles sacratíssimas. Nada se reduz suas despesas. Em compensação quanto à instrução é o que se está a ver.

Há uma reforma de instrução que está encravada e que certamente nunca chegará a executar-se. Aparte algumas deficiências, bastantes vantagens oferecem à população. E' isso razão suficiente para que não chegue a tornar-se em realidade. Da forma como vemos comportarem-se os governos e o parlamento em relação a assuntos de instrução nenhuma dúvida nos pode restar de que nunca será lei da república essa aspiração de alguns republicanos mais sinceros.

A instrução ministrada pela república não passa pois dum burla, uma tremenda mentira.

## TARTUFO!

Quasi todos os jornais fizeram referência a um gesto que classificaram de generoso da Associação Comercial de Lisboa. Esta agremiação de "fôrças vivas" que tanto se tem esforçado por roubar o povo entregou ao comandante da polícia a quantia de mil escudos para atenuar a miséria da viúva do polícia que no Alto do Pina foi morto por um vizinho.

Chama-se a isto a um acto de louvor, embora ele parte dumha associação que recebe do Estado o subsídio de três contos anuais e que é constituída por cavalheiros que, pela falsificação dos gêneros e carestia da vida, têm contribuído poderosamente para que não só essa viúva como toda a população laboriosa veja a braços com a mais penosa miséria.

Tartufo!

## Ele tinha razão

Razão tinha o coronel Freiria em pedir um inquérito aos seus actos como membro da Comissão Arbitral de Tarifas, a quem a Companhia Carris tam grata está.

O saldo positivo que a referida companhia apurou no exercício corrente foi de 25.036 libras.

Imagine-se que triunfava o critério do sr. Freiria que pretendia para o poderoso Sindicato de Santo Amaro mais um aumento de tarifas... Razão tinha o coronel em pedir um conselho disciplinar para os seus actos.

## REINCIDINDO...

## O livrete para os criados de servir

O governador civil vai lançar mão imprevidentemente da odiosa e malograda iniciativa do sr. Lelo Portela

O livrete, o odioso livrete do sr. Lelo Portela, vai de novo impender, como uma ameaça, sobre os criados de servir.

E' com esta medida que o dr. Filipe

Mendes vai apresentar a sua candidatura

à celebidade feita de odioso e de ridículo.

E' claro que o ridículo

de persegui-lo, o odioso há-de carregar

ele, mas o livrete não vinga agora,

como da outra vez não vingou.

A campanha contra o livrete está feita

só falta readi-la. A hostilidade contra o

livrete está de há muito criada, só lhe falta a atmosfera propícia — disso se vai encarregar em má hora, numa estupidez, numa iniquidade, o governador civil.

O pretexto invocado é o mesmo do sr.

Lelo Portela. Pretende-se — diz o fonógrafo

daquele aviadão — salvar os patrões de

espirito de ridículo.

E' claro que o ridículo

de persegui-lo, o odioso há-de carregar

ele, mas o livrete não vinga agora,

como da outra vez não vingou.

O livrete, o odioso livrete do sr. Lelo

Portela, vai de novo impender, como uma

ameaça, sobre os criados de servir.

Porque não interveiu o governo energicamente?

Mas como, se um dos responsáveis do

gasto dessas verbas, pela Agência Geral de

Angola, é o próprio sr. Rodrigues Gaspar,

presidente do ministério?

Haverá em tudo isto alguém que se salve

e seja capaz de mostrar ao menos algum

decôrdo, quando não mostra a inteligência e

espírito progressivo na administração pú-

blica? E' isso de que duvidamos muito,

dos factos a que vamos assistindo e so-

bretudo ao ar de indiferença com que são

recebidos pela opinião republicana.

Uma indignidade que nada justifica

Que tem uma classe, seja ela qual for,

com os que se dedicam a imitar os que vivem

do que é dos outros, à face do código ou à sua margem? Nada.

Enxovalhava uma classe a esse pretexto é

uma iniquidade desonrosa. Se, os criados de

mesa aceitarem essa imposição, se se pres-

tarem a ir requisitar o livrete que lhes in-

tem, não haverá a esse respeito

dúvidas: tratar-se dumha classe que não

possue a menor sombra de dignidade.

O governador civil pretende com o li-

vrete atacar a dignidade da classe dos criados

de servir? Não. O governador civil de

nenhum modo evita que se route, isto sem

incluir os patrões que não tem

livrete e que não podem, por dogma, im-

pôr a sua seriedade. Porque para a polícia

é séria toda a pessoa que não tem cada-

tro, o que não é verdade, dado o número

de pessoas que pela primeira vez são apa-

nhadadas com as mãos em cima do que ao

próximo pertence.

Recusar o livrete é anulá-lo

Não é útil, visto que a polícia de nenhum

modo pode conhecer, ao mesmo tempo e

num dado momento, o porte de milhares

de pessoas ou duma, ao acaso, dentre elas.

As pessoas não se creditam por livretes

que são uma infâmia nem por papéis que

bem podem ser uma burla. O que credita

às pessoas, são os seus actos. E como os

actos não são praticados por pessoas que

andam dentro dum saco, fácil é obter in-

formações da sua conduta, para o que basta

inquirir junto das criaturas que com elas

privem. Essas pessoas seriam os patrões.

Que testemunhas podem ser mais insus-

peitas para um patrão do que outro patrão?

E tanto assim é, que existe e funciona ex-

ponetamente há muitos anos, esse sis-

tem de informações.

De resto não são os patrões quem se

queixa, o que não admira dado o profundo

desprezo e a grande desconfiança que a

polícia do governo civil inspira a toda a

gente.

O governador civil vai ter, como o teve

o sr. Lelo Portela, a sua iniciativa reduzida

a zero, o livrete rasgado em pedacinhos

quasi invisíveis. Esse fracasso que está de

antemão previsto, dás com relativa facil-

idade.

Basta que ninguém o vá tirar — para que

o livrete cesse de vez. Acontece o mesmo

que com um imposto sobre os pisos feito

há tempo, e com a cédula pessoal ultí-

ma anulada: só os incertos é que o fi-

cam sofrendo.

As pessoas que nunca pagaram o im-

posto sobre os pisos estão-se rindo e, com

vontade, daquelas que tolamente o for-

am pagar e ainda estão pagando. A cédula só

ficou para quem a foi pedir solicitamente.

O livrete... o livrete só ficará com él,

ainda dum ou outro infeliz, o sr. Filipe

Mendes.

UMA IMORALIDADE

O remédio mais apropriado para a es-

cascez de trabalho é a diminuição das horas

de labor. E' preferível trabalhar todos

os dias cinco horas do que oito horas três

vezes semanais.

Pois, segundo nos informam, na Carpintaria Mecânica do Rato os operários tra-

balham quatro dias na semana, fazendo se-

rvos. Este critério ilógico e desumano que

bons lucros dão ao patrão não deve man-

ter-se nem mais um minuto. Se o trabalho

é tanto que exija o esforço do sero mal

pago, porque motivo não se trabalha todos

os dias naquelas oficinas, sem se fazerem

seres?

A "ORDEM" FASCISTA

ROMA, 13.—Durante uma manifestação

anti-fascista, em que tomaram parte grande

número de comunistas, foram presos 63

manifestantes.

## A questão dos dinheiros de Angola

Este assunto, levantado no parlamento, tem revestido aspectos curiosíssimos e reveladores do estado de estanhamento com que se apresentam as várias caras dos políticos. Vejam isto: um ministro das colônias, interpellado na câmara dos deputados, afirma que Norton de Matos foi intimado a entrar com os dinheiros que inadvertidamente gastou, mas que o não fez. Não é isto edificante, sabendo-se que Norton de Matos foi depois disso nomeado embaixador de Portugal em Londres, precisamente sendo Londres a cidade onde foram protestadas as letas de Angola?

Vê-se que toda esta gente perdeu completamente a vergonha, e que já nem sequer se dão ao trabalho de dissimular, procurando encobrir a situação. Parecem todos identificados com a crápula,

uma economicamente tam escravo, como no tempo em que imperava a ditadura de Porfirio Diaz, e por isso é natural que se dê agora um reviramento na orientação dos trabalhadores organizados daquele país, despendendo nêles a convicção de que o remédio para os seus males não está simplesmente na substituição dum governo ditatorial por um outro liberal e democrático, mas no desaparecimento de todos eles.

### O campo de concentração na Califórnia

Se há um país onde a propaganda das ideias de emancipação social é mais difícil de fazer, é precisamente nos Estados Unidos da América do Norte.

Quem experimente ali fazer propaganda do sindicalismo revolucionário, baseado na luta de classes, é enviado sem formalidades para o campo de concentração de Califórnia, em virtude dum lei especial sobre o sindicalismo criminoso.

O campo de concentração de Califórnia é o mais terrível dos infernos dantescos.

Ali tem sido o I. W. W. queimados e enterrados vivos, enfardados e linchados; temos deixado morrer à fome nas cárceis, e submetido a todas as seviças, que o espírito pervertido dos carrascos pode inventar.

Tal é em poucas palavras o vergonhoso quadro do terrorismo *dolárista* na república democrática e *filantrópica* da América do Norte.

### O preliso não esquecer Sacco e Vanzetti

E preciso não esquecer que a burguesia americana temia em executar estes dois militantes anarquistas, acusando-os de crimes que eles nunca cometem.

A única razão porque o desejam fazer, é porque elas tomaram sempre parte, como sentinelas avançadas, em todos os movimentos de carácter económico e moral, promovidos contra a rapacidade e malvadez dos *planters*.

De facto, foram presos precisamente, porque preparavam nesse momento um *meeting* de protesto contra o assassinato de Andreu Salcedo, lançado do 14.º andar do palácio da justiça de New York, do Park Row, assassinato bem digno da república do dólar, onde o dinheiro acumula a hipocrisia e a malvadez no coração dos homens.

Tratando-se de dois bravos lutadores da causa social, vítimas de inquisição norte-americana, é necessário que o proletariado de todo o mundo não esqueça, e se prepare para os arrancar das mãos sanguinantes dos seus odiosos carrascos.

### A ditadura no Chile e a indiferença do proletariado

O golpe de estado dado últimamente pelo elemento militar do Chile começa já a produzir os seus frutos.

O país está atravessando uma aguda crise económica, motivada sobretudo pela instabilidade do regime implantado pelas baionetas, e ao mesmo tempo surge o desconcerto numa parte da população em vista da gravidade do momento confuso que passa.

Ineficientemente, a classe operária chilena, salvo algumas exceções, parece esperar dos militares uma solução imediata dos problemas, que a afetam directamente, e as únicas classes que protestam neste momento e ainda assim é sem preocupações de carácter social, são as dos estudantes e as dos intelectuais liberais.

Mas, embora o façam simplesmente por receio de verem consolidar-se no poder uma casta reitamente reacionária, o que é facto é que são os únicos que atacam presentemente o pedestal, onde se instalaram os militares sedicinosos.

Em Santiago, por exemplo, a pesar da crise da falta de trabalho já se grande, sobretudo na construção civil, ainda não houve qualquer movimento de carácter colectivo promovido pelos que são afectados por este estado de coisas.

Alguns dos sem-trabalho tem-se limitado simplesmente a recorrer ao governo, pedindo protecção e como é natural, visto que os direitos se conquistam e não se mendigam, o ditador chileno, general Altamirano, não lhes tem ligado importância alguma.

Esperamos que estes factos contribuam para os trabalhadores do Chile—talvez já desiludidos das promessas de burgueses liberais—vejam que todos os governantes só são amigos do povo, quando estão na oposição, e que se preparam para a luta contra a brutal tirania dos militares, não se satisfazendo, no entanto, em que elas só seja substituído por um governo legal, como o desejam os estudantes e intelectuais.

### Mais três últimas da "Justiça burguesa" em Cuba

Os jovens operários cubanos, Arias, Quiros e Riven, militantes dedicados do Sindicato da Indústria Fabril, foram envolvidos, inadvertentemente, num processo, em vista da ação revolucionária desenvolvida pelo seu sindicato, e segundo se diz, o ministério público pede para elas a pena capital.

Atendendo à maneira como a aranha capitalista sabe tecer e estender a sua teia, quando nela pretende envolver as suas vítimas premeditadas, é natural que esta senhora seja pronunciada, a não ser que o proletariado organizado intervenga energicamente no caso, e reclame a liberdade dos seus camaradas—tanto mais, tratando-se de três vítimas escolhidas ao acaso, afim de seilar um sério castigo aos membros do Sindicato da Indústria Fabril, pela sua orientação retintamente revolucionária.

### Um Congresso dos Conselhos de Empresas, na Tchecoslováquia

Com a representação de 700 Conselhos realizou-se em Praga o primeiro Congresso dos "Conselhos de Empresas", estando presentes delegados polacos, magiáres, alemães e eslovacos.

Na ordem do dia figurava a luta pela manutenção da jornada de oito horas, contrário à produção, aumento de salários e contra os impostos.

Durante o Congresso teve lugar nas ruas de Praga uma grande demonstração, na qual tomaram parte 30.000 operários.

### Agressão a tiro

No logar de Carvão, concelho de Ourique, e por motivo dum desavença entre José Sequeira e Ildefonso António, um filho deste, de nome Augusto Velho, disparam um tiro de pistola sobre o Sequeira, atingindo-o num ombro, pelo que foi preso.

O ferido recebeu os primeiros socorros na localidade, e, vindo depois para Lisboa, recebeu curativo no Banco do hospital de São José, recolhendo em seguida a enfermaria de Santo António.

## Os livros e os autores

OS CACADORES DO ARKANSAS, romance de Gustavo Aymar

A casa Ventura Abrantes acaba de inaugurar a sua "Biblioteca de Aventuras" publicando um volumoso romance de quase 400 páginas, intitulado "Os Caçadores do Arkanza", saído da fantástica pena de Gustavo Aymar.

A casa Ventura Abrantes acaba de inaugurar a sua "Biblioteca de Aventuras" publicando um volumoso romance de quase 400 páginas, intitulado "Os Caçadores do Arkanza", saído da fantástica pena de Gustavo Aymar.

Autor de várias narrativas aventuroosas, onde o pitoresco da paisagem exótica das Índias e das Américas serve de fundo a episódios de caçadores, viajantes, piratas e peles vermelhas, Gustavo Aymar tem sobre outros escritores a vantagem de ele próprio ser caçador e aventureiro, tendo vivido longos anos entre os costumes indianos, onde foi testemunha dos próprios episódios que refere e que aproveita para romancear. De maneira que este livro, embora sem uma forte concepção literária ou social, é bastante curioso e tem o seu público—especialmente o público que delira nos cinemas ante aquelas fitas de índios e mexicanos, em que cavalos e cavaleiros atravessam os campos em doidas correrias, procurando o perigo dos abismos, dos assaltos e das emboscadas.

Em suma, literatura amena, ingénua, romance popular, que nos fala de costumes e lugares desconhecidos. A edição é apresentável, como todas as de Ventura Abrantes.

A METAMORFOSE, novela de Ferreira de Castro

A "Novela Contemporânea" publicou no seu 6.º número um trabalho de Ferreira de Castro intitulado "Metamorfose", novela ligada onde passa, numa rajada de emoção, toda a anseada dum escultor.

Ferreira de Castro aborda o velho tema daquela luta torturante, quase obsessão doente, em que os verdadeiros artistas se debatem por não poderem materializar ou realizar em arte os modelos gerados pela sua imaginação, com a exacta e evolutiva perfeição marcadada no seu íntimo sentir.

Como todos os trabalhos de Ferreira de Castro — um dos novos mais estranhos e apreciados, dos modernos escritores — esta novela lhe-se com agrado. Edição cuidada, com ilustrações do pintor modernista Bento Correia.

O EXAME DE ANATOMIA, novela de Vitor Mendes

O sr. Vitor Mendes, autor de vários e felizes trabalhos literários, é médico na província, vivendo, por consequência, afastado do turvelinho em que se agita a vida literária.

Não me surpreendeu a magnifica novela que acaba de publicar, intitulada "O Exame de Anatomia", porque de há muito conheço seu mérito literário, como tanto perdido, esquecido nos labores vulgares da pacata vida provincial.

Não me surpreendeu a magnifica novela que acaba de publicar, intitulada "O Exame de Anatomia", porque de há muito conheço seu mérito literário, como tanto perdido, esquecido nos labores vulgares da pacata vida provincial.

O sr. Vitor Mendes, autor de vários e felizes trabalhos literários, é médico na província, como mantem a chama literária, a técnica segura com que trata os seus assuntos, os apuros com que cincela o seu estilo e ilumina as suas imagens, tudo muitas vezes superior a tantos escritores que pontificam na capital.

O seu trabalho "O Exame de Anatomia" é perfeitíssimo, delineado em moldes do Fialho. Belas vições interiores, crítica amarga, novidades de linguagem e tudo isto influenciado pela sua profissão de médico.

E' coisa assente que os médicos-liternos dão, quasi sempre, bons escritores, e com o estilo enriquecido pela cultura da sua especialidade.

A síntese dramática da novela está na coincidência de um estudante de medicina, ao ter que estudar no seu exame de anatomia um corpo de mulher, topar com o corpo da sua primeira amante, a quem tem de arrancar o morto coração.

Repetimos, é um trabalho bem conduzido; e não só é esse como as outras três novelas: "Santa Cruz", "O anti-militarista e Mais além do amor".

A apresentação da obra é antiquada; o valor da novela merecia melhor cuidado na edição.

Estão publicados os dois números da novela ocultista: "Um Sortilegio" e "O veu da Atlântida", da autoria do sr. Lhau Masc Araújo.

Trata-se dum trabalho de interesse apenas para ocultistas e teosofistas.

Profanos que somos, em face de coisas misteriosas, reservamos a nossa opinião.

JULIÃO QUINTINHA.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—às 21 horas (9 da noite)—HOJE

O mais grandioso e variado espetáculo de Lisboa

Todas as novidades e atrações da

Grande Companhia de Circo

TRABALHOS SENSACIONAIS

NUMEROS DESLUMBRANTES

GERAL 3\$00 FAUTEUILS desde 8\$00

FESTAS ASSOCIATIVAS

Os Ferroviários da Beira Alta

comemoram o aniversário da sua Associação

O deslumbrante e graciosa mága

## QUEM É JOHN PIERPONT MORGAN

J. Pierpont Morgan, pertencente à poderosa casa bancária J. Pierpont Morgan & C.º de Nova-York, é um dos mais poderosos financeiros do mundo.

A história da família Morgan, de há um século para cá, está estreitamente ligada a todas as especulações e negócios escandalosos que têm bem caracterizam a maneira de operar dos financeiros americanos.

O pai dele, Junius Pierpont Morgan, que foi quem fundou o banco acima, chamou-sobre si a atenção do meio mundo quando foi a guerra da Sucessão, em que ele tratou dum negócio de 5.000 espingardas em estudo que comprou ao governo dos Estados do Norte e que vendeu a 22 dólares.

Esta fraude não lhe valeu desabores nem, antes pelo contrário, foi consagrado pelos magistrados do parlamento supremo dos E. U. e Morgan continuou a exercer as funções de representante financeiro do governo de Washington junto dos reis da finança, nessa época os banqueiros de Londres.

Foi continuando nessas funções que a família Morgan realizou lucros formidáveis, lucros estes que foram ganhos muitas vezes à custa das interesses financeiros dos E. U.

Foi também Morgan que se encarregou de pagar a França a quantia de 40 milhões de dollars em ouro por conta dos E. U. que adquiriram assim a fiscalização do canal de Panamá, nesse tempo ainda em construção.

Mas o negócio mais rendoso, que permitiu aos Morgans enriquecerem a sua fortuna dum maneira inaudita, foi a guerra, de 1914-1918, cujas consequências foram tan desastrosas para milhões de homens.

Em Janeiro de 1915, como agentes comerciais do governo britânico nos E. U., monopolizaram todas as encomendas de material de munições, etc. Ao mesmo tempo, os Morgans concediam um empréstimo de 50 milhões de dólares ao governo francês.

Quatro meses mais tarde, a casa bancária Morgan agrupava 2.000 bancos americanos num sindicato que consentia em fazer um empréstimo de 500 milhões de dólares aos aliados.

E' por estes contínuos empréstimos que pontificam na capital.

Desde essa data acentuou-se a supremacia económica e financeira dos E. U. sobre o velho continente.

A casa bancária Morgan, possui uma filial em Londres e outra em Paris, além

destes interesses bancários, J. P. Morgan é o chefe da United States Steel Corporation, e o poderoso "trust" do aço do mundo inteiro.

Possui também a fiscalização da General Electric Company, outro formidável "trust" de electricidade.

Há dias J. Pierpont Morgan esteve em Paris onde conferenciou com Herrero e Clemente. A influência deste banqueiro sobre os governos aumenta dia a dia e está próximo o momento em que este americano terá sob o seu jugo os destinos de toda a democracia burguesa.

Desde essa data acentuou-se a supremacia económica e financeira dos E. U. sobre o velho continente.

A casa bancária Morgan, possui uma filial em Londres e outra em Paris, além

destes interesses bancários, J. P. Morgan é o chefe da United States Steel Corporation, e o poderoso "trust" do aço do mundo inteiro.

Possui também a fiscalização da General

Electric Company, outro formidável "trust" de electricidade.

O BOLO-REI

em RÉCITA DA MODA

Em vista da enorme concorrência

estão suspensas as entradas de favor

\*\*\*\*\*

Estão publicados os dois números da novela ocultista: "Um Sortilegio" e "O veu da Atlântida", da autoria do sr. Lhau Masc Araújo.

Trata-se dum trabalho de interesse apenas para ocultistas e teosofistas.

Profanos que somos, em face de coisas misteriosas, reservamos a nossa opinião.

JULIÃO QUINTINHA.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—às 21 horas (9 da noite)—HOJE

O mais grandioso e variado espetáculo de Lisboa

Todas as novidades e atrações da

Grande Companhia de Circo

TRABALHOS SENSACIONAIS

NUMEROS DESLUMBRANTES

GERAL 3\$00 FAUTEUILS desde 8\$00

FESTAS ASSOCIATIVAS

Os Ferroviários da Beira Alta

comemoram o aniversário da sua Associação

O deslum



# A BATALHA

## O III Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Na sexta sessão protesta-se contra a perseguição de que em Espanha são vítimas as classes trabalhadoras e aprecia o parecer sobre a crise de trabalho

TOMAR, 11.—Sob a presidência de João Manuel Gonçalves, de Évora, secretariado por Felisberto Baptista, do Porto, e Mário Rebelo, de Viseu, abre a sexta sessão, às 13 e meia horas.

Depois da leitura de actas de sessões transatas lê-se o expediente que consta: Federação da Construção Civil saudando o Congresso e fazendo votos por soluções tendentes ao engrandecimento da organização operária; de Manuel Inácio Luís, jove sindicalista do Porto, saudando o Congresso; uma comunicação do Comité Revolucionário Internacional pró-Salvação de Espanha protestando contra o Directorio de Primo de Rivera que torquemadesamente persegue operários que na Espanha aspiram à liberdade do povo daquele país.

Vários delegados pronunciam-se em sentido solidário com o grito pungente do Comité pró-Salvação de Espanha, sendo depois aprovada a seguinte proposta de Júlio de Campos: «Propomos que seja enviado um telegrama de protesto ao ministro de Espanha em Portugal.»

Antes da ordem, Rosendo Viana propõe, sendo aprovado, o parecer sobre a crise de trabalho seja apreciado.

Na sua discussão intervém Amílcar Pereira Dias, Rosendo Viana, Júlio de Campos, Jerónimo de Sousa, Fernando Rodrigues e Felisberto Baptista que se ocupam especialmente da conclusão que se refere às dificuldades de exportação levantadas pela ação do Banco Ultramarino e que em grande parte concorrem para a crise actual, sendo por fim resolvido aprovar o parecer com as seguintes conclusões:

1.º Que se reclame a estabilização cambial em conformidade com a reclamação da C. G. T.

2.º Protestar e reclamar do governo contra a especulação do Banco Nacional Ultramarino e outros Bancos que com a sua atitude estão impedindo a livre exportação de calçado para as Colônias, uma das causas da crise na indústria:

3.º Reclamar desde já dos empresários da indústria a divisão do trabalho existente por todos os tempos de trabalho;

4.º Fazer cumprir rigorosamente o horário de 8 horas;

5.º Promover uma constante agitação entre a classe com o fim de obter a prática das conclusões acima expressas e de outras vantagens que sejam julgadas necessárias para se conseguir a cessação da crise e que os sindicatos julguem aplicáveis às suas localidades, de harmonia com a Federação e a C. G. T.

Discute-se a tese "A Indústria de Calçado, Couros e Peles e a próxima revolução"

Finda a aprovação do parecer foram lidos os telegramas seguintes:

«Sindicato dos Manufactures de Calçado de Lisboa saúdam com entusiasmo o congresso e esperam resoluções práticas. — C. G. T.»

A organização operária do Porto, por intermédio da União dos Sindicatos, saudou o III Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles, fazendo votos porque dos trabalhos a discutir saia algo proveitoso para a indústria em geral. — Ardians, secretário adjunto.»

Entra em discussão a tese: «A Indústria de Calçado, Couros e Peles e a próxima revolução.»

Jerónimo de Sousa esclarece o congresso que a presente tese foi elaborada por M. da Silva Campos para ser apresentada ao congresso da Covilhã. Não se realizou aquela reunião, nem está presente o relator, mas a Comissão Organizadora pergunta:

Rosendo Viana, Amílcar Pereira Dias, Fernando Rodrigues, Agostinho de Carvalho, respectivamente pelos sindicatos de Lisboa, Porto, Lagos e Tomar declararam que a tese é devidamente apreciada.

Faz uma rápida apreciação ao valor das teses que no Congresso acabavam de ser

discutidas e declara que como o Congresso havia resolvido que é de delegado da C. G. T., usasse da palavra sobre a questão das Internacionais naquela sessão, vai tratar a mesma embora sumariamente.

Faz uma análise sucinta ao que foi a vela A. I. T. aos Congressos que precederam a celebre conferência de Londres de 1871, na qual, sem o concurso das Federações e Secções da velha Internacional foram votados princípios e fins meramente oportunistas, reformistas e ditatoriais, factos que determinou o protesto dos mais activos organismos que constituíram aquela Internacional.

Relata o que foi o Congresso da Haia, de 1872, as lutas odiantas de Marsel e Engels contra Bakounine e James Guillaume, a sua expulsão arbitrária e ditatorial da primeira Internacional, o Congresso de Saint Imier e o Congresso de Genebra, de 1873, concluindo que as lutas de agora são apenas a repetição das lutas daquela época, cousa que, como a história indica, não é nova, como nova não é a tendência dos reformistas e ditadores que, como até aos primórdios da primeira Internacional, se apresentaram também como comunistas de Estado. Refere-se como se constituiu a segunda Internacional, saída de Londres, de 1896, de onde foram forçados a sair Kropotkin, Malatesta, Peloufier, A. Hamon e tantos outros que, representando organismos operários e revolucionários, representavam a tendência libertária do movimento socialista.

Esta Internacional iminentemente política, estatal e reformista, foi a mesma que criou um secretariado sindical, a U. S. I. inteiramente dependente da Internacional social-democrata e que, por estar presa a compromissos com a burguesia, fracassou com a guerra de 1914.

A Internacional 2.º e mais foi uma consequência da divisão dos Estados burgueses que intervieram na guerra, os países centrais com a Alemanha à frente e os países da Entente com a França e a Inglaterra, divisão que subsistiu enquanto persistiu a divisão daqueles Estados, mas que terminou logo que os mesmos entraram na Sociedade das Nações ou que a isso se prestaram e sob a influência da Internacional de Amsterdão, na qual estão componentes dos organismos sociais democratas dos dois grupos de Estados que estiveram em pugna em 1914.

Que esse parecer seja apresentado na primeira assembleia geral a realizar e que deve ter lugar no dia 19 do corrente.

Este documento foi aprovado por unanimidade sendo eleita uma comissão para elaborar o parecer, que ficou composta por Joaquim Figueiredo, José Pereira Fernandes, António da Conceição Barulho, João Fernandes Junior e Joaquim Venâncio.

Passou-se a apreciar a questão dos demolidos, verificando-se o facto da direcção se recusar a readmitir os ferroviários Mário Enguiça, Adão Marcelino da Costa, Francisco Simões e Manuel Peres. Os restantes julga a comissão que vão ser admitidos em consequência das comunicações que a Direcção fez aos serviços do movimento e tracção, resoluções que, no entanto, estão pendentes dos respectivos chefes de serviço.

Falam vários oradores verberando a atitude de Plínio da Silva, entre eles Miguel Correia que aponta a sua escândalo que se passaram com o concurso dos revisores em que até gatunos preteriram ferroviários honestos como Leopoldo Caçapé.

Cita o facto das máquinas que devem chegar da Alemanha, as quais vão ser distribuídas aos apaniguados dos superiores. Não concordam com o reatamento das relações com Plínio da Silva, sugerindo-se porém a decisão da classe. Não quer ser comparsa no que considera uma comédia, motivo porque apresenta a demissão do seu cargo.

Termina, enviando para a mesa a seguinte declaração:

«Impõe-me a minha qualidade de Secretário Geral do Sindicato, o dever de dar andamento às resoluções da classe, embora que, pessoalmente, delas discordo, e tendo-se produzido desde 26 de Setembro p. umas séries de factos que provam a razão que me assiste para dar a atitude que consta do documento que apresentei na assembleia que teve lugar nessa data e pelas quais verifiquei as verdadeiras intenções do actual Director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, absolutamente contrárias às suas declarações, que motivaram o reatamento de relações com o Sindicato, e, não querendo achar a classe tem a perder — declaro que desta data em diante me considero demissionário do cargo de Secretário Geral do Sindicato e mantendo principal do jornal O Sul e Sueste, mantendo-me, porém, no desempenho das funções inerentes a esses cargos, a não da data da minha substituição, para não entrapar a ação do sindicato ou prejudicar a defesa da classe.

Dentro dessa declaração, considero-me absolutamente desligado das orientações ou resoluções, às quais apenas esteja preso na minha qualidade de Secretário Geral, retomando esta data em diante toda a liberdade de ação, que sob qualquer aspecto, eu entenda dever exercer em defesa da classe ferroviária do Sul e Sueste.»

A sessão foi encerrada cerca da 1 hora da noite.

com a presença de Inácio Marques e Alberto Dias, da Federação da C. Civil, uma sessão de propaganda sindical.

Inácio Marques lembra os tempos aureos da construção civil desta cidade que marcou dentro da organização operária quanto podia e valia, já pelos seus movimentos sempre vitoriosos, já pela sua propaganda sempre acertada e criteriosa. Incita a classe para que novamente tenha a mesma vitalidade dos outros tempos e pede a todos que se unam em volta do seu sindicato porque a união faz a força.

Disserta sobre o álcool e seus efeitos no físico e no moral dos indivíduos e sobre os crimes que sob a sua influência e a da taberna são praticados.

Ataca a igreja e diz que um dos seus maiores sustentáculos é a burguesia, porque isso lhe convém para manter na ignorância o povo e por tal motivo torna-se necessário fazer-lhe uma guerra tenaz.

Alberto Dias falando da desida do câmbio e baixa de salários, diz: «Como querem os industriais e mestres d'obras baixar os salários a pretexto da desida do câmbio se os generais essenciais à vida ainda não baixaram? exceptuando o assúcar, sábio e petróleo?»

Há artigos que tiveram baixa, tais como a gazolina e carvão de coke, mas destes artigos não precisa a classe, mas sim os srs. industriais que por tal motivo estão sendo beneficiados.

Fala em seguida o secretário geral da U. S. O. de Évora, Francisco Cascalho que diz: «A União não tem mais vitalidade, é porque os sindicatos locais lhe não têm dado a força para que possa agir.

João Alcanena, lembra que da Federação iniciou um forte movimento para que a lei dos acidentes de trabalho seja remodelada afim de a classe operária usufruir mais vantagens das que até aqui.

Diz que o tribunal dos Acidentes de Trabalho nesta cidade ainda não funcionou, protestando contra tal motivo.

Em seguida foi encerrada a sessão com vivas à C. G. T. e à Batalha.

Foram aprovadas uma moção de Joaquim Baptista, que propõe secundar a C. G. T. na ação que vai encetar em face da crise de trabalho e baixa de salários e que as comissões administrativas dos sindicatos se mantenham em sessão permanente, e uma proposta de António José Piloto para que se preste apoio moral e material aos presos por delito social.

O Congresso votou ainda a seguinte moção, de Rosendo Viana:

«O Congresso, ao findar a 6.ª sessão saúda todos os operários que, atravessando no presente as consequências da crise de trabalho na nossa indústria, têm sabido manter as energias suficientes para não consentir a redução dos salários, especialmente por esse facto os camaradas do Porto.»

A sessão foi em seguida encerrada, eram 13 e meia horas.

A sessão de encerramento

A sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

Na sessão de encerramento preside Jerónimo de Sousa, secretariado por Júlio de Campos e Serafim Lopes.

</